

© CARTAS ©
DE PAULO
À IGREJA DE
NEÓFITO

“Caros irmãos de
Neófito, graça e paz.”



@fips carmo

Introdução

“Quando o seu inimigo cair, não se alegre, nem se regozije o seu coração quando ele tropeçar” (Provérbios 24:17)

O surgimento e a consolidação da internet impactaram profundamente as nossas relações sociais. Hoje em dia, nas redes sociais, é possível seguir e interagir com pessoas ao redor de todo o mundo, sejam pessoas do nosso círculo social, sejam pessoas famosas (celebridades, influenciadores, youtubers...). A sensação é que as distâncias se encurtaram pois, enquanto há anos atrás uma celebridade da TV ou do cinema era vista como alguém muito distante de quem as assistia, os famosos de hoje estão no Instagram, no Facebook e no Youtube, espaços também ocupados por “pessoas comuns”, com quem interagem expondo suas rotinas diárias e suas opiniões sobre os mais diversos assuntos.

Todavia, essa proximidade das relações que é favorecida pelas redes sociais também pode ter repercussões negativas, especialmente quando a pessoa outrora admirada não corresponde às expectativas, manifestando opiniões ou comportamentos contrários àqueles esperados e validados pela audiência. Quando isso acontece, a admiração se converte em desprezo, e essa pessoa passa a sofrer ataques de ódio que buscam o seu silenciamento e até mesmo a sua eliminação. A isso damos o nome de Cultura do Cancelamento.

Por vezes, as intenções por trás dos cancelamentos podem ser boas, pois buscam a justiça – especialmente em temas importantes no ambiente virtual e na vida real, como questões raciais, de gênero e de orientação sexual –, mas a Cultura do Cancelamento segue um percurso diferente da conscientização por meio do diálogo. Simplesmente não há interesse em dialogar e a internet passa a funcionar como um tribunal que processa, julga e executa a pena.



Para discutir:

1. O cancelamento acontece apenas com pessoas públicas ou acontece também com pessoas comuns? Justifique.
2. A prática do cancelamento acontece em nossas relações pessoais?

Embora a Cultura de Cancelamento seja um termo recente, podemos observar que o fenômeno em si encontra diversos paralelos ao longo da história. Na Grécia Antiga, o Ostracismo foi um tipo de punição existente em Atenas, no século V a.C., em que um cidadão era banido ou exilado, por um período de dez anos. Havia também os Linchamentos, que sempre foram presentes na História humana, desde a Antiguidade, como forma de “justiça popular”. Entre os judeus, o apedrejamento era uma penalidade aplicada em diversos casos previstos na Lei, como o adultério, por exemplo.

Jesus e os canceladores

Na conhecida passagem de João 8.1-11, Jesus se depara com um caso assim. O texto nos conta que em uma manhã bem cedo, antes do sol nascer, Jesus foi ao Templo e o povo também foi bem cedo para aprender com ele. De repente chegam escribas e fariseus – homens versados na Lei – trazendo consigo uma mulher que havia sido surpreendida em flagrante adultério em plena madrugada! Eles a fazem ficar de pé no meio de todos, expondo-a publicamente, e, prontos a cancelá-la perguntam a Jesus: “*Na Lei, Moisés nos ordenou que tais mulheres sejam apedrejadas. E o senhor, o que tem a dizer?*” (v.5)

Ao fazerem essa pergunta, eles colocam Jesus em uma situação muito delicada: ou ele consente com o apedrejamento, violando a lei romana que reservava aos Romanos o direito de execução da pena de morte em terras ocupadas, ou contraria a Lei de Moisés (cf. Lv 20.10; Dt 22.22-24) que preconizava a pena capital para quem cometesse o pecado

do adultério. As duas opções eram ruins! Ou ele “passa pano¹” para a violência, ou ele “passa pano” para o pecado. Qual lado escolher?

Cotidianamente, diversas situações também nos obrigam a escolher um lado. Somos tentados a, diante de temas complexos, emitir opiniões de maneira apressada e irrefletida. Isso acontece pois na Internet a nossa interação se dá a partir de Bolhas Digitais², e nessas Bolhas há intenso policiamento de opiniões. Basta uma opinião contrária para ser enquadrado como opositor de uma determinada causa. Ou seja, você também pode ser cancelado por cancelar ou não cancelar alguém!

Mas Jesus não se apressa em opinar. Sentado ele estava e sentado ele continua! Era fácil se juntar à opinião pública e condenar uma mulher que havia sido exposta daquela maneira. Todavia, Jesus não fica irritado e nem se precipita, apenas se inclina e passa a escrever no chão como quem tem o controle da situação. Tal atitude intriga os escribas e fariseus, pois eles esperavam uma atitude imediata de Jesus. Então eles insistem para que ele dê uma opinião (v.7).

Jesus, como bom conhecedor da Lei, sabia que se um casal fosse pego em adultério, ambos deveriam ser executados (cf. Lv 20.10), e aqui ele se revela uma primeira questão: apedrejar apenas a mulher era fazer uma justiça seletiva, afinal, no lugar onde ela foi encontrada de madrugada, ela certamente não estava sozinha! Então, onde está o homem? Por que não havia a mesma disposição em trazer o homem ao centro da roda e o expor publicamente? Ora, isso é justiça seletiva, que é também injustiça!

A segunda questão a qual Jesus se depara é que, mesmo que aquela mulher devesse ser condenada, qual daqueles homens tinha uma conduta moral que o qualificasse a executar a pena? Lembremos que para Jesus, o adultério não se dá apenas com a consumação do ato, e bastava uma intenção impura (cf. Mt 5.27-28). Por isso Jesus responde àqueles homens: “*Quem de vocês estiver sem pecado seja o primeiro a atirar uma pedra nela*” (v.7). Ao responder desse modo, Jesus solicita que a Lei seja cumprida por intermédio de quem não tem pecado, evidenciando assim, o legalismo hipócrita dos escribas e fariseus.

¹ Expressão usada pelos jovens, semelhante a “fazer vistas grossas”.

² Bolhas são agrupamentos digitais de pessoas que tem pensamentos parecidos, gostos parecidos e alinhamento ideológico. Nesse sentido, as nossas redes sociais são verdadeiras Bolhas, sentimos mais confortáveis seguindo pessoas que admiramos e que concordam conosco na maioria dos assuntos. Por vezes bloqueamos quem tem opiniões contrárias.

Aprendendo com Jesus

O que aprendemos com esta passagem da mulher pega em adultério?

1. Assim como Jesus, não devemos ter pressa em opinar sobre temas complexos. Vivemos em uma era em que tudo acontece muito rápido, por isso temos que ter cuidado com o que se divulga ou com as ideias que propagamos, uma vez que em questão de minutos pessoas podem ter suas vidas destruídas. Sempre devemos refletir se não estamos seguindo o “comportamento da manada”, e reproduzindo as opiniões da maioria, mesmo quando isso vai contra ao Evangelho de Jesus, que é uma boa nova de amor e perdão.

2. Precisamos verificar se não estamos sendo seletivos e injustos. É necessário refletir o porquê de certa opinião ou comportamento nos causarem tanto incômodo. Pode ser que estamos frente a uma situação de extrema injustiça, abuso ou violência, o que nos traz legítima indignação. Mas há casos em que estamos apenas nos escondendo atrás dos nossos preconceitos (ou de uma conta no Twitter) para condenar alguém de maneira injusta, como fizeram os escribas e fariseus.

3. Devemos fazer uma autoavaliação sincera antes de julgar. Os escribas e fariseus ao quererem cancelar a mulher pega em adultério, o fazem sem antes olharem para si mesmos. Uma das pérolas do pensamento reformado é a doutrina de que a humanidade após a queda perdeu a capacidade de obedecer a Deus com total fidelidade, de modo que nos tornamos *totalmente depravados*, isto é, pecadores por essência (cf. 1 Jo 1.8-10; 1 Co 15.22; Rm 3.9-24). Por isto, ao invés de cancelar alguém, devemos olhar para nós mesmos, para as nossas limitações e reconhecermos o quão pecadores somos, tendo sempre em mente que com a mesma medida que medirmos também seremos medidos (Mt 7.1-2).



Para discutir:

1. É legítimo que o cristão cancele alguém?
2. A partir do que foi aprendido nesta lição, discuta com seus colegas sobre as diferenças entre Cancelamento, Crítica e Discordância.
3. É possível discordar sem cancelar?

Conclusão

O espírito do Evangelho nos ensina buscar a via do diálogo sempre que possível e não a via da violência (Mt 5.9). Sabemos o quanto é difícil exercer a paciência, argumentar e tentar dialogar “civilizadamente” nesta era digital em que vivemos, mas não há outro jeito! O cristão precisa ser diferente e fazer a diferença.

*Pastor na Igreja Presbiteriana Unida de Campo Grande (PVTR),
Coordenador da Secretaria de Comunicação da IPU.